

Governo terá folga para honrar dívida externa

Segundo o BC, País entra em 2001 com US\$ 3,85 bilhões dos US\$ 4,2 bilhões necessários para pagar compromissos que vencem ao longo do ano

SORAYA DE ALENCAR
e GUSTAVO PAUL

BRASÍLIA – O Brasil vai abrir 2001 com um colchão de recursos da ordem de US\$ 3,85 bilhões para fazer frente aos compromissos externos públicos de US\$ 4,2 bilhões que vencem ao longo do ano. Além dos US\$ 2 bilhões que o Banco Central (BC) comprou no mercado por ocasião do ingresso no País dos recursos da privatização do Banespa, o colchão foi formado por mais US\$ 1,85 bilhão referente à sobra das captações deste ano. Eram necessários US\$ 3,9 bilhões para cobrir os pagamentos que venciam em 2000, mas o País captou um total de US\$ 5,75 bilhões.

Os números são do diretor de Assuntos Internacionais do Banco Central, Daniel Gleizer, antecipando ao Es-

tado que a idéia é manter a sistemática do pré-financiamento. Ou seja, captar no ano que vem o dinheiro que será necessário para os pagamentos que vencem em 2002.

“A nossa política é a de não ter a corda no pescoço e ter que ir ao mercado em um momento adverso”, afirmou. Por isso, ele assegura que, mesmo com a folga, o Brasil vai captar no próximo ano mais do que os US\$ 4,2 bilhões necessários. O governo já fixou o limite entre US\$ 5 bilhões e US\$ 7 bilhões para a emissão de títulos no exterior em 2001.

Abrangência – Os compromissos de pagamento abrangem somente a dívida externa pública, sem considerar as transações correntes, que são as operações de comércio e serviço do País com o exterior. As transações cor-



Gleizer, do BC: “nossa política é a de não ter a corda no pescoço”

rentes também incluem o setor privado.

Nos serviços, o maior peso ficará com os juros, que, na avaliação dos analistas de

mercado, chegarão a US\$ 15,7 bilhões, sendo que os vencimentos públicos deverão ficar entre US\$ 2 bilhões e 3 bilhões. Sob a alegação

de que está refazendo suas projeções, o diretor do Banco Central disse apenas que “é razoável supor que o déficit em transações correntes no ano que vem ficará entre US\$ 25 bilhões e US\$ 26 bilhões”. Ele assegura que, como está ocorrendo este ano, a conta será totalmente coberta pelos investimentos diretos.

Embora a expectativa seja de uma retração desses investimentos – não só por causa de um cenário internacional mais avesso

a riscos, mas também porque estão previstas menos privatizações – Gleizer não tem dúvida sobre o financiamento das transações correntes em 2001. O diretor lembrou que inicialmente foram estimados investimentos diretos de US\$ 27 bilhões em 2000 e, segundo ressaltou, “devemos terminar este ano com US\$ 30 bilhões”, o mesmo valor do ano passado.

Sobre as perspectivas para o desempenho da balança comercial no próximo ano, o diretor do BC ainda não faz apostas. No mercado, há projeções que vão desde de um superávit de US\$ 1,5 bilhão a um déficit US\$ 1 bilhão. Na avaliação do economista Roberto Padovani, da Ten-

dências Consultoria Integrada, a balança fechará 2001 com um déficit entre US\$ 500 milhões e US\$ 1 bilhão. Para um analista de um banco carioca, o resultado ficará negativo em

US\$ 800 milhões. Gleizer argumenta, no entanto, que apesar do desempenho deste ano, quando o resultado da balança comercial sofreu o impacto da crise do petróleo e da queda no preço das commodities exportadas pelo Brasil, a lucratividade do setor aumentou. Segundo o diagnóstico do diretor, estes problemas mascararam o aumento das exportações.

PODE
DIMINUIR O
INVESTIMENTO
DIRETO

José Paulo Lacerda/AE-1/5/2000